

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A subjetivação ética como desgoverno biopolítico da vida humana [Ethical subjectivation as biopolitical misgovernment of human life]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-30 21:13:24
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160420

A subjetivação ética como desgoverno biopolítico da vida humana

O trinômio disciplina-biopoder-governamentalidade é analisado por César Candiotto, que assinala haver uma tendência capciosa em nossa sociedade, que busca moldar nossa forma de viver, influenciando escolhas, aspirações, desejos e crenças

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** subjetivação ética constitui a forma mais suscetível de despoticizar o governo da individualização. Arrisco-me a dizer que a criação de uma relação diferente com o ato de consumir em nossa sociedade poderia ser uma das formas do desgoverno biopolítico da vida humana, porque implicaria em nova qualificação do desejo, distante de sua modulação governamentalizada e mimeticamente colonizadora da vida interior”.

A afirmação é do filósofo César Candiotto na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Há uma tendência “capciosa” em nossa sociedade que tenta “modelar nossa maneira de viver”, invadindo inclusive nossas escolhas, aspirações, desejos e crenças. “De um lado, o indivíduo é regulado enquanto zoé, vida natural, ser vivente; de outro, é modelado como bíos, na sua maneira de viver”. Candiotto resume o trinômio disciplina-biopoder-governamentalidade: “A disciplina normaliza os corpos, o biopoder regula a vida e a governamentalidade administra as possibilidades das ações livres”. O tema foi objeto da conferência *O biopoder e a governamentalidade dos sujeitos*, ministrado por Candiotto em 15-09-2010, dentro da programação do XI Simpósio Internacional IHU: o (des)governo biopolítico da vida humana.

Professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Candiotto é graduado em Filosofia por essa instituição, e em Teologia pela PUC do Chile. cursou mestrado em Educação pela PUCPR e doutorado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e na Universidade de Paris XII com a tese *Foucault e a verdade*. Organizou as obras *Mente, cognição, linguagem* (Champagnat: Curitiba, 2008) e *Ética: abordagens e perspectivas* (Champagnat: Curitiba, 2010). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como se dá a presença do biopoder na governamentalidade dos sujeitos no século XXI?

César Candiotto - Dificilmente existe uma modalidade de biopoder que pertença exclusivamente ao século XXI. Mais prudente é apontar algumas tendências que reconfiguram práticas recorrentes do século passado: uma primeira é o investimento exacerbado em torno da vida biologicamente regulada por parte da aliança entre ciências médicas, empresas e governos, como será detalhado na terceira questão proposta. Outra tendência, mais capciosa, é a tentativa comum nas sociedades atuais de modelar nossa maneira de viver, nossas escolhas e aspirações, desejos e crenças. Regula-

ção dos processos vitais e modelação da maneira de viver são as duas principais ramificações do poder na governamentalidade dos sujeitos de nossa época. De um lado, o indivíduo é regulado enquanto zoé, vida natural, ser vivente; de outro, é modelado como bíos, na sua maneira de viver. Ocorre que muitas vezes a governamentalidade dos sujeitos é realizada a partir do cruzamento das duas tendências: tanto nosso ser-herdado (Ricoeur¹) quanto nosso ser-livre (Sar-

¹ Paul Ricoeur (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na IHU On-Line 49ª edição, de 24-02-2003, disponível para download em <http://bit.ly/9m0DBP> e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003, disponível para download em <http://bit.ly/ce-xldt>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a

tre²) já não são tão “nossos”. Genética e ciências afins são capazes de alterar nosso patrimônio genético, colocando

editorial Memória sobre Ricoeur, em função de seu falecimento. Confira o material em <http://bit.ly/aXJH1>. (Nota da IHU On-Line)

² Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu *ensaio O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

em jogo nossa identidade pessoal; por sua vez, máquinas de expressão (Deleuze³), como o marketing e a propaganda, procuram criar um campo de possibilidades no qual pensamos ser livres, mas no exterior do qual qualquer possível é descaracterizado.

IHU On-Line - Tendo em vista a tecnologia da informação e a globalização, quais peculiaridades poderiam ser apontadas sobre o biopoder hoje?

César Candioto - De um lado, as tecnologias da informação possibilitam visualizar o alcance da atuação do biopoder a partir da rapidez das notícias e da plasticidade das imagens; de outro elas atuam no sentido de perpetuar antigas formas de governamentalidade dos sujeitos em razão de seu nascimento, de seu “sangue”. Em recente artigo do jornal *Gazeta do Povo*, encontramos a seguinte manchete: “Quanto vale seu sangue?” Ela se refere ao professor William Adams, da Universidade George Washington, que publicou no *Journal of Communications* uma pesquisa sobre a cobertura televisiva de desastres naturais. Esperava-se que, quanto maior o número de mortos nesses desastres, maior deveria ser o tempo da cobertura da imprensa televisiva. Contudo, um dos resultados surpreendentes é que esse fator representa somente 3% na variação do tempo de cobertura por parte dos telejornais. A conclusão é que o valor de uma morte está relacionado à nacionalidade, ao sangue da vítima. A morte de um europeu equivale à morte de três europeus orientais, nove latino-americanos, 11 árabes do Oriente Médio e 12 asiáticos.

Para além desse artigo, podemos depreender que, se a morte tem um valor diferente em razão da nacionalidade, significa que raciocínio similar poderia ser atribuído à vida. Trata-se da perpetuação da operacionalização do biopoder do século XVIII, quando a soberania passou a ter como princípio a Nação. Foucault e Agamben entendem que os Estados

³ Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bérngson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota da IHU On-Line)

“A proliferação dos códigos de conduta organizacionais atuais não tem como única razão de existir os imperativos morais, mas principalmente os imperativos mercadológicos”

democráticos liberais encontraram sua legitimidade não a partir da concepção abstrata do sujeito de direitos como átomo social, mas em razão da pertença a uma nacionalidade. Quer dizer, o direito é conferido pelo nascimento, ser nascido nesse ou naquele território. As tecnologias da informação e os processos de globalização não mudaram essa realidade, somente a fortaleceram.

IHU On-Line - A partir disso, poder-se-ia falar em uma exacerbação do biopoder? Por quê?

César Candioto - É verdade que o campo de atuação do biopoder foi ampliado em virtude dos avanços da engenharia genética, da microbiologia, da nanotecnologia e áreas afins, que demandam uma séria, mas cautelosa, reflexão a respeito do direito ao patrimônio genético, da utilização de células embrionárias para a fabricação de células-tronco e assim por diante. Provavelmente, vivamos numa sociedade mais medicalizada que no passado: obesidade beira o pecado, ausência de consultas rotineiras é identificada com irresponsabilidade, furtar-se às práticas de vacinação assemelha-se ao delito, a inadequação aos padrões de beleza estéticos significa descuido de si mesmo. Contudo, as ciências médicas que demandam o cuidado, são as mesmas que colocam em risco a vida dos cidadãos, sua exposição à morte. A indústria farmacêutica, por exemplo, afirma cuidar da vida de maneira segura e legítima, mas para isso utiliza

cobaias humanas sem consentimento informado em países periféricos do mundo onde a legislação é laxa.

Sandra Caponi⁴, no artigo *A biopolítica da população* (publicado na revista *Ciência & saúde coletiva*, p. 447) mostra que “A situação dos contaminados pela Aids na África, submetidos às novas pesquisas científicas do AZT entre 1995 e 1998, é um dos exemplos contemporâneos mais instigantes de vida matável, vida espécie, insignificante. O fato de que esses experimentos tenham sido feitos justamente na África, e que a comunidade internacional praticamente pouco se importou com as mortes resultantes da experiência com placebos, demonstra que a vida matável tem uma geografia específica; que o discurso em torno dos direitos humanos, dentre eles a dignidade da vida, é sobreposto ao biopoder, que torna essa mesma vida insignificante. Que os direitos, garantidos entre os iguais e que têm voz, sobrevive à custa daqueles tornados desiguais e sem possibilidade nenhuma de reagir.” Portanto, a exposição ao risco de populações biologicamente delimitadas é um dos maiores exemplos de exacerbação do biopoder.

IHU On-Line - Em que sentido a “ortopedia moral” expressa uma necessidade de cumprimento de imperativos morais e até mesmo mercadológicos?

César Candioto - Quando Foucault, pela primeira vez, se referiu à “ortopedia moral”, quis mostrar que os imperativos morais da sociedade burguesa dos séculos XVIII e XIX eram indissociáveis de tecnologias de poder disciplinares que visavam à constituição de um indivíduo normal e adaptado aos processos de industrialização da época mediante o investimento no corpo: controle do espaço e do tempo, atenção à minúcia dos atos e gestos, criação de um campo de visibilidades, tudo para que o corpo se torne pro-

⁴ Sandra Noemi Cucurullo de Caponi: filósofa graduada pela Universidade Nacional de Rosário, mestre e doutora em Lógica e Filosofia da Ciência pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com a tese *Do trabalhador indisciplinado ao homem prescindível*. É pós-doutora pela Universidade Picardie Jules Verne, na França. Leciona na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É autora de *Da Companhia à Solidariedade* (2da. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004). (Nota da IHU On-Line)

ditivo e a vontade, obediente. Se entendermos por imperativos morais os valores, princípios e regras de uma sociedade específica em razão da constituição de sua identidade coletiva, não podemos deduzir que o cumprimento desses imperativos exija necessariamente uma ortopedia moral. Quando uma pessoa segue regras porque foi educada para discernir quais valores as sustentam e, a partir daí, se propõe torná-las suas em razão de uma escolha racional e deliberada, não estamos diante da ortopedia moral. Em contrapartida, o mesmo raciocínio não se aplica quando se tratam de imperativos mercadológicos. Produtividade, competitividade, empreendedorismo e criatividade têm sido constituídos como imperativos mercadológicos tão relevantes nas sociedades atuais que demandam continuamente uma ortopedia moral, mediante contínuas avaliações de desempenho, investimento infundável em capital humano, cumprimento irretocável de todas as regras organizacionais de acordo com códigos de deontologia específicos, e, principalmente, mensuração da qualidade do comportamento e da conduta pelos resultados práticos - econômicos - a serem alcançados.

Se as disciplinas controlavam os corpos por meio de um jogo de visibilidades em espaços fechados ou semiabertos, os imperativos mercadológicos administram a vida a partir do controle das virtualidades de uma vida em razão do qual nela investem ou deixam-na perecer. A proliferação dos códigos de conduta organizacionais atuais não tem como única razão de existir os imperativos morais, mas principalmente os imperativos mercadológicos. Na sociedade atual os imperativos morais são muitas vezes indissociáveis dos imperativos mercadológicos, ainda que irredutíveis aos mesmos.

IHU On-Line - O controle das mentes seria a forma mais requintada e paralisante do biopoder? Por quê?

César Candiotta - Em *As revoluções do capitalismo* (Rio de Janeiro: Record, 2008), de Maurizio Lazzarato⁵, essa hi-

⁵ Maurizio Lazzarato: sociólogo e filósofo italiano que vive e trabalha em Paris, onde realiza pesquisas sobre a temática do trabalho imaterial, a ontologia do trabalho, o capitalis-

“De um lado, as tecnologias da informação possibilitam visualizar o alcance da atuação do biopoder a partir da rapidez das notícias e da plasticidade das imagens; de outro, elas atuam no sentido de perpetuar antigas formas de governamentalidade dos sujeitos em razão de seu nascimento, de seu ‘sangue’”

pótese está razoavelmente implícita. Mas antes dele, ela já é observável nos trabalhos de Michel Foucault, quando ele mostra que disciplina, biopoder e governamentalidade não são somente ênfases diferentes da atuação do poder na história do Ocidente, de modo que a forma posterior substituiria à anterior. Antes, constituem modos de operacionalização do poder que atuaram na constituição dos sujeitos. A disciplina normaliza os corpos, o biopoder regula a vida e a governamentalidade administra as possibilidades das ações livres. Contudo, as coisas não são tão lineares assim. Sabemos que a disciplina é irredutível à produção de corpos úteis ao objetivar também a constituição de “almas” dóceis mediante o enfraquecimento da vontade própria e o fortalecimento da obediência. Igualmente, o biopoder não somente regula a vida no sentido que a medicina a entende. Sabemos que pensadores como Nietzsche, Tarde e

mo cognitivo e os movimentos pós-socialistas. Escreve também sobre cinema, vídeo e as novas tecnologias de produção de imagem. É um dos fundadores da revista *Multitudes*. (Nota da IHU On-Line)

Bergson⁶, situaram no fundamento do vivo a memória e a atenção, como potência de atualização do virtual. Até mesmo a biologia de Haeckel⁷ afirma que a essência do vivo é a memória, a preservação física do passado no presente e a gravação das mensagens presentes para o futuro. Nesse aspecto o investimento da memória mental é somente um desdobramento da regulação da vida. Contudo, esse desdobramento pode ser bem compreendido quando Foucault entende o poder a partir da governamentalidade. Esta trabalha com as possibilidades do agir nas quais estão envolvidas a memória e a atenção. São essas novas dimensões do vivo que se encontram cada vez mais capturadas e colonizadas pela opinião pública. Depreende-se que o conjunto dessa operacionalidade do poder não somente procura moldar os corpos e regular a vida, mas também modular as forças da memória e da atenção e os fluxos de desejos e crenças. O noopoder - como nomeia Lazzarato a esse processo de modulação das mentes nas sociedades de controle atuais - não seria um novo poder, mas um desdobramento requintado do próprio biopoder em razão do qual o investimento na memória mental prevalece em relação à normalização da memória corporal, das sociedades disciplinares.

IHU On-Line - Quais seriam as resistências (ou desgovernos) mais pujantes ao governo biopolítico da vida humana?

César Candiotta - São todas aquelas que emergem de processos de subjetivação a partir dos quais o indivíduo elabora um trabalho ético sobre si mesmo. Muitas resistências políticas tornaram-se inoperantes porque não

⁶ Henri Bergson (1859-1941): filósofo e escritor francês. Conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'Évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia. Sobre esse autor, confira a edição 237 da IHU On-Line, de 24-09-2007, *A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/Jzy0>. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (1834-1919): naturalista alemão que ajudou a popularizar o trabalho de Charles Darwin e um dos grandes expoentes do cientismo positivista. (Nota da IHU On-Line)

foram precedidas de um “desgoverno [ético] da individualização”. Por governo da individualização, Foucault entendeu todos os procedimentos políticos atuantes nas diferentes práticas sociais que pretendem nos fixar uma identidade. Ao operar pela individualização, esses procedimentos buscam obstaculizar a constituição da individualização ou da singularidade. Contudo, Foucault entende que o poder, no sentido de governamentalidade, supõe sempre sujeitos suscetíveis de agir livremente diante da ação de outrem. Significa que, se o governo biopolítico atual procura regular nossa vida principalmente pela modulação das forças mentais da memória e da atenção, as resistências ou processos de subjetivação, por sua vez, podem agir no mesmo campo de aplicação do biopoder. Quando os indivíduos travam um permanente embate agonístico entre as forças do desejo e as potências da liberdade, têm como efeito a constituição de diferentes “modos de viver”. Essas modulações vitais resultantes do trabalho ético, na medida em que não visam à constituição de uma identidade (de um ser), mas de um modo de ser (uma estilística da existência) não inapreensíveis pelo governo da individualização; elas possibilitam uma requalificação do desejo, do querer e da atenção por parte das forças da liberdade. A subjetivação ética constitui a forma mais suscetível de despotencializar o governo da individualização. Arrisco-me a dizer que a criação de uma relação diferente com o ato de consumir em nossa sociedade poderia ser uma das formas do desgoverno biopolítico da vida humana, porque implicaria em nova qualificação do desejo, distante de sua modulação governamentalizada e mimeticamente colonizadora da vida interior.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por César Candiotto à IHU On-Line.

* *Foucault e a governamentalidade biopolítica.* Edição número 324, revista IHU On-Line, de 12-04-2010, disponível em <http://bit.ly/cuwk4>.

Vontade antropotécnica e biopolítica

O filósofo Fabián Ludueña relaciona a vontade antropotécnica e a biopolítica, questionando se, ao invés de uma biopolítica, não está surgindo uma nova ordem política mundial

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

A antropotécnica é um conjunto de “técnicas mediante as quais as comunidades da espécie humana e os indivíduos que a compõem atuam sobre sua própria natureza com o fim de guiar, expandir, modificar ou domesticar seu substrato biológico com vistas à produção daquilo que, primeiro, a filosofia e logo as ciências biológicas e humanas costumam denominar ‘homem’”. A explicação é do filósofo argentino Fabián Ludueña, professor da Universidade de Buenos Aires - UBA, na Argentina. Em sua opinião, “se a memória for dissociada de uma reflexão sobre a temporalidade, corremos o risco de submeter-nos a uma visão distorcida de um presente centrado sobre si mesmo. Neste sentido, a memória só pode ser produtiva quando se torna não só a memória do vivido ou do passado nacional ou étnico, senão também uma forma de memória ancestral, unicamente acessível ao que me agrada denominar a ultra-história das culturas”. Ludueña acentua que precisamos nos perguntar se o “destino das sociedades contemporâneas está marcado pela problemática biopolítica ou, se pelo contrário, não estaria se configurando, no solo do nosso presente, uma nova ordem política mundial, na qual a noção mesma de vida está sofrendo inelutáveis transformações que podem conduzir até sua superação, pelo menos nas formas tradicionais em que as temos conhecido”. As declarações podem ser conferidas na íntegra na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, debatendo aspectos apresentados no minicurso *A vontade antropotécnica: a teologia política cristã e o nascimento da ordem biopolítica moderna*, ministrado por Ludueña em 16-09-2010, dentro da programação do XI Simpósio Internacional IHU: o (des)governo biopolítico da vida humana.

Fabián Ludueña é licenciado em Sociologia pela UBA, mestre e doutor em História da Civilização pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris - EHESS com a tese *Théologie politique et théologie économique chez Marsile Ficin (1433-1499)*. É autor de *Homo Oeconomicus. Marsilio Ficino, la teología y los misterios paganos (1433-1499)* (Madri: Miño y Dávila Editores, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que podemos entender por vontade antropotécnica?

Fabián Ludueña - Trata-se de um conceito que, em muitos sentidos, define melhor o meu trabalho do que o de biopolítica. Entendo com ele as técnicas mediante as quais as comunidades da espécie humana

e os indivíduos que a compõem atuam sobre sua própria natureza com o fim de guiar, expandir, modificar ou domesticar seu substrato biológico com vistas à produção daquilo que, primeiro, a filosofia e logo as ciências biológicas e humanas costumam denominar “homem”. O processo de